

A ICONOGRAFIA DOS LUGARES: GEOTECNOLOGIA E EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA

Rosangela Patrícia de Sousa Moreira ¹
Tânia Maria Hetkowski ²

RESUMO

As imagens compõem nosso cotidiano a exemplo da observação da paisagem, cenas de filmes ou *outdoors* espalhados pela cidade. Aos olhos do sujeito, cada imagem é percebida subjetivamente, através da análise iconográfica, que permite um aprofundamento dos signos e ícones ali presentes. Através das geotecnologias, muitas destas podem ser levadas para a sala de aula de Geografia, possibilitando o desencadear de outras discussões, contextualizando e aproximando o estudante das temáticas abordadas teoricamente. Neste sentido, o presente trabalho tem como objetivo destacar a presença e importância da iconografia como elemento geotecnológico, nas abordagens da educação geográfica, possibilitando assim, o (re)conhecimento e entendimento do lugar. Para subsidiar esta escrita, utilizamos a aplicação de formulários online, nos quais obtivemos quarenta e duas participações de docentes de Geografia, lotados em diferentes cidades baianas, assim como de outros Estados. De acordo com as respostas, percebemos a valorização das imagens por desempenharem um papel importante nas discussões com as turmas, possibilitando assim, o desenvolvimento de uma educação geográfica a partir da mediação geotecnológica e análise iconográfica dessas imagens.

Palavras-chave: Iconografia, Lugar, Geotecnologia, Educação Geográfica.

Introdução

O século XXI tem como uma de suas principais marcas, a presença das tecnologias em diferentes segmentos da vida social, seja representada nos ambientes produtivos ou lazer, e ainda que timidamente, nos espaços educacionais, quando assim nos referimos às instituições públicas. O fato é que para todas as direções nas quais voltarmos nosso olhar, haverá vestígios claros que nos confirmam como a sociedade está imbuída ou até dependente da tecnologia para cumprir suas ações diárias.

As tecnologias de informação e comunicação – TIC, estão consolidadas no fazer diário desta sociedade, e neste trabalho em específico, daremos ênfase às geotecnologias, como possibilitadoras na compreensão e representação do lugar vivido pelos sujeitos. Isso porque, se apresentam como possibilidades de mapeamento, descrição, e representação do lugar através

¹ Doutoranda do Curso de Pós Graduação em Educação e Contemporaneidade da Universidade Estadual – BA, patriciamoreira@ifba.edu.br;

² Pós-Doutora em Educação. Professora Titular A na Universidade Estadual - BA, taniah@uneb.br

da capacidade humana de perceber e conceber o espaço, num movimento para a educação geográfica. São assim, outros olhares para o mesmo lugar, de forma a (re)conhecê-lo, e a partir de então, se perceber como parte integrante do processo de transformação desse mesmo lugar.

O mesmo olhar que permite perceber os nuances de cada lugar, registra imagens únicas em seus campos simbólicos e representativos para cada sujeito. Isso porque, está implícita também a relação desse sujeito com o lugar, o sentimento de topofilia (TUAN, 1980) o que desenha, a relação afetiva de (re)conhecimento através do olhar. Neste sentido, apresentamos a iconografia como elo entre a geotecnologia e educação geográfica, possibilitando outra compreensão sobre o lugar vivido, sobretudo, a partir das análises pré-iconográfica, iconográfica e iconológica, apresentadas por Panofsky (2007), pois, toda imagem é passível de interpretação em suas correlações, sobretudo, quando voltamos nossa análise para o espaço geográfica numa propositiva da educação geográfica, produzindo saberes sobre nossos lugares.

Deste modo, a busca pela reflexão acerca da presença e importância da iconografia, como elemento geotecnológico, nas abordagens da educação geográfica, possibilitando o (re)conhecimento e entendimento do lugar dos sujeitos estudantes, se apresenta como principal objetivo para nossa investigação. Caminho pelo qual utilizamos do aporte tecnológico via aplicação de formulários online, visando a produção das informações, e obtivemos um total de quarenta e duas respostas, provenientes de professores de Geografia atuantes na educação básica, de diferentes municípios baianos, como Valença, Santo Antônio de Jesus, Varzedo, Amargosa, Santa Inês, Muritiba, São Felipe, Nazaré, Santo Amaro, Lauro de Freitas e Salvador, além de alguns colaboradores de outros estados, como Ceará, Alagoas, Minas Gerais, Goiás e Rio de Janeiro.

A participação destes colegas de área foi imprescindível para levantar informações sobre como as questões iconográficas são fundantes para uma aproximação do estudante às questões apresentadas teoricamente no material didático. Isso porque, ao inserirmos imagens, e mais do que isso, ao propormos uma análise a partir das questões geográficas abordadas nos conteúdos, possibilitamos outra visão aos estudantes sobre o lugar vivido e sua inserção das discussões em sala de aula.

Desta forma, o presente ensaio apresenta duas breves seções guiando as discussões, sendo a primeira voltada a educação e as geotecnologias, numa órbita de demonstrar suas relações intrínsecas; e no segundo momento trazemos à baila as possibilidades da iconografia junto a educação geográfica, na seção que chamamos de *geoiconografias* e cenários de aprendizagem, com discussões sobre o espaço ocupado e suas interpretações sociais nas aulas de Geografia.

Assim, entrelaçar as discussões teóricas às iconografias do lugar vivido, potencializa o desenvolvimento de observações críticas e posicionamentos firmes sobre situações até então tratadas de forma distanciadas pelo grupo de estudantes. Esse desenvolvimento está diretamente relacionado às reflexões propostas a partir da educação geográfica, promovendo uma análise sócio espacial do fragmento do espaço geográfico, neste caso, intermediado pelo uso de imagens.

Geotecnologias e educação geográfica

A sociedade está, em quase sua totalidade, ligada intimamente às Tecnologias de Informação e Comunicação – TIC. O mundo apresenta sinais que a dissociação do homem e as tecnologias em suas atividades está cada vez mais difícil de se pensar. Ações que estão relacionadas desde a produção econômica até ao lazer, perpassam treliças das tecnologias, inovando o fazer e o pensar sobre diferentes ações do cotidiano.

Cabe lembrar que essas não podem ficar apenas no campo da sua essência maquínica, mas levando em consideração sua abordagem humana, criativa. Quando assim ressaltamos, queremos deixar claro que a ideia de tecnologia para nós, segue o pensamento de já descrito em Pereira (2015) quando nos mostra que

Compreender as tecnologias é compreender o ser humano em sua essência e, ao mesmo tempo, compreender a composição da história humana. Esta composta por inúmeros processos criativos e transformativos, os quais foram desencadeados em diferentes contextos históricos e refletem a capacidade humana em determinada época. (p. 53)

Neste sentido, a compreensão da tecnologia acompanha a compreensão da evolução humana ao longo de sua existência, a forma como o processo tecnológico criativo foi basilar para dinamizar ações de trabalho e compreensão do seu próprio espaço e lugar. Por este caminho, chegamos então às geotecnologias como facilitadoras desses processos subjetivos de constituição da compreensão dos lugares.

As geotecnologias no campo da educação, e principalmente nas aulas de Geografia, localizam, aproximam e possibilitam o sujeito estudante da visualização de espaços longínquos, tanto quanto, de espaços próximos, seja através da utilização de mapas (físicos ou digitais), desenhos, e porque não, da exposição de fotografias, configurando seus aspectos de aprendizagem.

Segundo Santos (2016),

A concepção das Geotecnologias apresenta como processos criativos ao entendimento do lugar, assim como as TIC está pautada na reunião sinérgica abrupta de linguagens, códigos e sentidos que incorporam, representam, simbolizam e materializam o processo tecnológico. (p. 39)

Desta forma, a presença das geotecnologias na educação, potencializa o desenvolvimento do saber, da compreensão e da percepção dos sujeitos quanto aos lugares vividos ou abordados em diversas discussões, o que nesse ínterim, converge à própria compreensão deste fragmento do espaço geográfico - o lugar, a partir de uma deseducação do olhar através da linguagem imagética, propiciando reflexões advindas de e para uma educação geográfica.



Tirinha: Turma do Xaxado
Fonte: Jornal da Paraíba, 2021

É oportuno destacar a presença de múltiplas linguagens a partir das geotecnologias e suas possibilidades de aplicação na sala de aula de Geografia. Um destes recursos é a utilização de histórias em quadrinhos ou tirinhas (numa versão mais compacta), visto que se apresenta de forma lúdica, mas com grande potencial de aprendizagem. Neste caso, para além da análise imagética, há também uma discussão textual presente. Outra ação é a utilização de filmes, documentários ou animações, nas quais a visualização e interpretação de questões presentes nas entrelinhas são trazidas para debate.

Esses são alguns exemplos de como as geotecnologias para além dos mapas, podem estar presentes na sala de aula, confluindo para uma educação geográfica via múltiplas linguagens imagéticas. Linguagens estas que também estão nos anúncios da TV, nos outdoors, nos grafites que colarem muros... São inúmeras possibilidades para as geotecnologias estarem ao lado da Geografia numa proposta de contextualização do espaço ocupado e dialogando com o estudante sobre as informações que estão a sua volta, através de uma via ativa para a uma educação geográfica.

As Geoiconografias e cenários de aprendizagens

A ciência geográfica é por si uma discussão que aflora a percepção do espaço e com ela, temos um dos conceitos mais caros da Geografia: a paisagem. Esse conceito está visível a todos aqueles que conseguem ao olhar, perceber o que está a sua volta. E para aqueles que a visão lhe falta, o tato, o sentir através do toque, lhe revela elementos ao seu redor. A paisagem então, é o aspecto perceptível do espaço geográfico, composta pelos elementos naturais ou culturais do lugar.

Cada olhar sobre a paisagem, tem uma percepção própria, pois o sujeito é subjetivo aos seus aspectos de pertencimento com a paisagem confrontada, e desta forma, se aproxima das questões topofílicas, e seus laços afetivos. Entretanto, “o meio ambiente pode não ser a causa direta da topofilia, mas fornece o estímulo sensorial que, ao agir como imagem percebida, dá forma às nossas alegrias e ideais” (TUAN, 1980, p. 129), isso porque, outros elementos, como elementos urbanos, culturais, também estão no bojo do despertar tal pertencimento, ou sua recusa, sendo assim a topofobia apresentada.

Quando das salas de aula de Geografia e a apresentação de conteúdos aos estudantes, a presença de imagens contextualizam a oratória do docente, propiciam uma compreensão a partir do campo visual, facultando também a maior interação do grupo com questões e aproximações entre a imagem e outros espaços próximos a vivência, através da análise iconográfica do que está sendo apresentado.



Infográfico elaborado pela autora
Fonte: dados da pesquisa, 2021

Nas respostas obtidas através do formulário de pesquisa online que ouviu quarenta e dois docentes atuantes em escolas públicas e privadas de diferentes cidades e regiões, percebemos que a maioria das imagens e discussões iconográficas da geografia, são a partir de material disponibilizado pelos educadores. Isso, numa propositiva de otimizar o tempo e também direcionar as discussões para um espaço em específico, pensado pelo condutor na sala de aula.

Entretanto, se as discussões forem mediadas a partir de imagens apresentadas pelo grupo de estudantes, podemos ter outros olhares e interpretações voltadas ao mundo subjetivo destes

jovens, isso porque, estaremos olhando a partir de suas percepções e inquietações demandas pelo conteúdo gerador, agora abordadas visualmente com imagens reais de suas ruas, bairros, sua cidade, ou até mesmo de outros espaços não tão próximos, mas que lhe moveram a questionar, comparar e então, compreender a mensagem.

“A Geografia é uma ciência bastante visual, não à toa um dos nossos conceitos chave é a Paisagem. Sendo este um importante recurso metodológico para compreensão e articulação dos processos a serem analisados”. (Colaborador online)

“Quando trabalhamos com imagens nas aulas é como se eles (alunos) conseguissem transformar o abstrato no concreto, visualizando, comentando sobre o espaço, e conseguimos perceber detalhes que às vezes passam despercebido”. (Colaborador online)

“Acho importante o uso da imagem, pois acredito que além de despertar o interesse, cria a possibilidade dos estudantes de ter um novo olhar sobre o espaço, o lugar onde vivem ou que estudam. As imagens criam sensações, despertam emoções e criam o sentido de pertença de identidade”. (Colaborador online)

O ponto de vista destes três docentes que participaram da consulta online, deixa clara a importância do uso das imagens nas aulas de Geografia e como elas a possibilidade de um aprendizado contextualizado ao mundo real do estudante. Contudo, a imagem não pode ser simplesmente apresentada como exemplo para uma discussão.

A perspectiva de uma discussão deve estar pautada na iconografia, visto que essa representa um estudo descritivo, minucioso das imagens, como sua própria grafia já sugere. É neste sentido que a presença desse recurso na sala de aula requer uma ação provocativa ao grupo de estudantes para realizar o que Panofsky (2007) apresenta em três esferas necessárias: a análise pré-iconográfica, a iconográfica e a iconológica.

Para isso, sigamos um exemplo de apresentação de imagem para o conteúdo sobre ocupação urbana:



Rua no Bairro do Tento – Valença/Ba
Foto: Patrícia Moreira, 2021

Ao apresentar essa imagem para os estudantes, é importante questioná-los como uma pergunta simples: o que você vê? A partir daí, surgirão múltiplas respostas e talvez outras perguntas, mas o exercício está em fomentar o olhar num processo de aprofundar a percepção. Neste instante, estamos trabalhando a esfera da análise *pré-iconográfica*, ou seja, o que está visível para todos, ou seja, o que lhe é comum, habitual.

Em segundo instante, quase de imediato começamos a perceber o que passa a mobilizar os estudantes, provocando questionamentos e contextualizações à discussão inicial. Tais provocações sugerem o despertar do olhar para além do está comum na paisagem, e é neste instante que a análise iconográfica se faz, pois ela está diretamente ligada à percepção dos fatos apresentados na imagem.

Por fim, num terceiro momento, o grupo estará diante da concepção, do sentido apresentado e compreendido através da imagem, que segundo Panofsky (2007), é a esfera

iconológica, ou seja, como compreendemos a linguagem imagética diante de nós e sua mensagem. Desta forma, estaríamos aqui diante de um processo para alfabetização do olhar a partir do trabalho com imagens e sua análise iconográfica.

“As imagens são fundamentais como expressão e registro da paisagem e conseqüentemente do espaço geográfico, constituindo-se como um recurso fundamental para a Educação Geográfica. Além do potencial em revelar o olhar e a percepção dos estudantes sobre o lugar em que vivem e constrói suas experiências socioespaciais e culturais, a partir das discussões que podem ser feitas.” (Colaborador online)

“O uso de imagens em sala de aula de Geografia, pode e deve ser um elemento que permite ao estudante se encontrar, reencontrar e tecer outras geografias cotidianas. ” (Colaborador online)

O posicionamento destes dois docentes colaboradores, reafirma a importância das imagens nas aulas de Geografia, e sobretudo, sua análise e discussão, considerando as chances de aprofundamento do aprendizado, a partir de um olhar iconográfico sobre a imagem e as relações feitas com o espaço vivido pelos estudantes.

Nesta conjuntura, a análise iconográfica potencializa outro olhar sobre o lugar, outra compreensão sobre o objeto discutido, desperta a criticidade e a percepção do estudante enquanto sujeito ativo no processo de construção do espaço vivido.

Considerações

As geotecnologias nos apresentam múltiplas linguagens como possibilidades para uma educação geográfica, dentre elas o uso de imagens, sejam elas coletadas através de fotografias, aplicativos de localização como *Street View*, cenas de filmes.... De certo, todas irão mexer com os sentimentos, e tudo que desperta emoções, sensações boas ou ruins aguça a memória.

O uso de imagens nas aulas de Geografia pode potencializar a aprendizagem se essa conseguir despertar o interesse dos estudantes ou desenvolver o sentido crítico, investigativo, construtor, criativo, comparativo, empreendedor. Estuda-se nessa ciência o espaço fisicamente mutável e socialmente transformado, o que permite através da imagem questionar, problematizar, refletir, solucionar, etc., a realidade de experiências e vivências do indivíduo que em determinado espaço-tempo pode ser de inclusão ou exclusão.

Desta forma, as imagens devem ser discutidas, contextualizadas para atender a proposta da educação geográfica, possibilitando o desencadear de novos questionamentos e aprendizado.

A partir do momento em que analisamos iconograficamente as imagens, saímos do que está ali em seu sentido comum e nos deslocamos até as concepções de sentido para cada sujeito, conferindo a subjetividade do olhar e da percepção sobre o fato em discussão.

Assim como os lugares e suas relações com o sujeito são subjetivos, as análises iconográficas também são, pois para cada imagem, uma compreensão, um sentido é despertado, e isso transborda a o ensino da Geografia presente nos livros e desponta para a Educação Geográfica do estudante para com seu lugar.

Referências

HETKOWSKI, T. M. **Geotecnologia: como explorar educação cartográfica com as novas gerações?** In: XV Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino (ENDIPE), 2010, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte, MG: UFMG, 2010.

PEREIRA, I. B. **Educação geográfica e geotecnologias: construindo estratégias à compreensão do lugar no ensino fundamental.** Dissertação de Mestrado, Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Salvador, 2015, 183p.

Morreu Antônio Cedraz, cartunista criador da ‘Turma do Xaxado’. Jornal da Paraíba. Caderno Vida e Arte, 2014. Disponível em <http://blogs.jornaldaparaiba.com.br/vidaearte/2014/09/11/morreu-antonio-cedraz-cartunista-criador-da-turma-xaxado/>. acesso em 23, Ago. 2021

PANOFISKY, E. **Significado nas artes visuais.** São Paulo: Perspectiva, 2007.

SANTOS, T. C. **Sobre a égide da memória: as tecnologias da informação e comunicação na preservação da história das escolas da rede pública de ensino.** Dissertação de Mestrado, Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Salvador, 2016, 116p.

TUAN, Y. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente.** São Paulo: Difel, 1980.

_____. **Espaço e Lugar: A perspectiva da experiência.** Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983.